



BEATRIZ DE FÁTIMA ELIAS

**REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

LAVRAS-MG

2019

BEATRIZ DE FÁTIMA ELIAS

**REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras – UFLA como parte das exigências do Curso de Letras, para a obtenção do título de Licenciatura.

Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Orientador

LAVRAS-MG

2019

BEATRIZ DE FÁTIMA ELIAS

**REFLEXÕES SOBRE O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS
LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**REFLECTIONS ON THE TREATMENT OF LANGUAGE VARIATION IN
SCHOOLS OF EDUCATIONAL SCHOOL II**

Monografia apresentada à Universidade
Federal de Lavras – UFLA, como parte das
exigências do Curso de Letras, para a obtenção
do título de Licenciatura.

APROVADA em 00 de Novembro de 2019

Profa. Dra. Andréa Portolomeos

Profa. Laíza Aparecida de Lima Mendonça

Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Orientador

LAVRAS-MG

2019

Aos meus pais e ao meu namorado por todo apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço todos os dias a Deus e aos meus pais Sirlene e Edmar, por todo apoio, carinho e atenção aos meus estudos desde os anos iniciais, sempre me incentivaram a ir em frente e lutar pelo meu sonho e é por isso que estou aqui.

À toda minha família que acredita em mim e que me encorajam todos os dias com palavras de amor me fazendo acreditar que eu consigo.

Quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento, me deram apoio nos momentos difíceis, bons conselhos e me ajudaram nos momentos de crises. Aos meus amigos de curso pelo companheirismo nos momentos de sufoco, em especial as minhas amigas, Camila, Lara, Letícia e Maria Eduarda.

Ao professor Dr. Valter Pereira Romano, pela orientação, dedicação e paciência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsas de iniciação à docência e por toda experiência que me proporcionaram durante os anos de bolsista.

Muito Obrigada!

“A língua é um organismo vivo que varia conforme o contexto e vai muito além de uma coleção de regras e normas de como falar e escrever”. (Ataliba T. de Castilho)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer reflexões sobre o tratamento da variação linguística na educação básica a partir da análise de uma coleção de livros didáticos de língua portuguesa destinada ao Ensino Fundamental II. Para isso, usaremos como base teórica os trabalhos de Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2002), Ilari e Basso (2011), Paim (2016), entre outros, que fundamentam a análise descritiva empreendida. Ao fim, constatamos que os livros didáticos se preocupam em apresentar as variações e que a escola e o professor devem buscar conhecer a realidade dos alunos e assim superar os preconceitos referentes à língua e buscar meios para que possamos chegar ao ensino de uma linguagem padrão, que é um direito do aluno, sem desmerecer a linguagem não padrão.

Palavras-chave: Variação linguística, Ensino, Livro didático, Norma Culta, Preconceito linguístico,

Abstract

The present work aims to make reflections on the treatment of linguistic variation in basic education from the analysis of a collection of Portuguese language textbooks for Elementary School II. To do so, use as theoretical basis the works of Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2002), Ilari and Basso (2011), Paim (2016), among others, which underlie a descriptive analysis employed. In the end, we found that textbooks are concerned with presenting as changes and what the school and teacher should seek to know the reality of students and thus overcome the prejudices related to language and seek ways to access the teaching of a standard language. which is a student right, without belittling a non-standard language.

Keywords: Linguistic Variation, Teaching, Textbook, Standart Cult, Language Prejudice.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	UMA BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	10
2.1	Variação diacrônica	11
2.2	Variação diatópica	12
2.3	Variação diastrática	12
2.4	Variação diamésica	13
2.5	Norma padrão como sinônimo de falar bem	13
2.6	A sociolinguística e o ensino	14
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
4	ANÁLISE PRÉVIA DA COLEÇÃO	19
4.1	Descrição Livro didático 6º ano	20
4.1.1	O espaço da variação linguística no livro do 6º ano.....	23
4.2	Descrição Livro didático 7º ano	24
4.2.1	O espaço da variação linguística no livro do 7º ano.....	27
4.3	Descrição do Livro didático 8º ano	29
4.3.1	O espaço da variação linguística no livro do 8º ano.....	37
4.4	Descrição Livro didático 9º ano	37
4.4.1	O espaço da variação linguística no livro do 9º ano.....	43
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERENCIAS	44

INTRODUÇÃO

O território brasileiro é vasto e habitado por diferentes povos com variadas situações políticas, econômicas e culturais, além do mais, sofreu as influências de outros povos que habitaram nossas regiões e por isso cada parte do Brasil possui maneiras distintas de falar, variações de linguagem e sotaques que são marcados por cada região do país. O que torna também recorrente a prática de discriminação pela forma que alguém se comunica.

É preconceito linguístico dizer que alguém é menos inteligente julgando-o pela forma que fala. Existem variações da língua e não erros, o falante, porém, precisa entender que em certos contextos ele terá que adequar a sua fala ou escrita para um melhor uso da língua. Muitas pessoas vítimas do preconceito linguístico desenvolvem dificuldades para expressar suas ideias em público, sentem-se inferiores e isso pode causar a exclusão social, inclusive.

Bortoni-Ricardo (2004) aponta algumas respostas para que a escola deixe de ser base de preconceitos e desigualdades e passe a refletir sobre a variação linguística.

É pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e da escola e mostra ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças.” (Bortoni-Ricardo, 2004, p38)

Os professores devem desenvolver nos alunos a competência linguística, para que possam adequar sua linguagem nas diversas situações de comunicação e tenham conhecimento das variações da língua. É importante que a escola entenda, conheça e trate das variações linguísticas e que não trabalhe a língua materna como algo estático.

Muitos alunos tem sua forma de falar desprestigiada e muitas vezes são discriminados pelos colegas e acabam se frustrando. As variações linguísticas podem ser exploradas pelos professores em sala de aula, não deixando de lado o ensino da norma culta, conscientizando

os discentes sobre as variações presentes na língua e introduzindo o respeito e aceitação dos vários falares brasileiro.

Diante desta realidade, vimos a necessidade de investigar como a variação linguística é tratada em sala de aula. Foi feita uma análise nos livros didáticos do ensino fundamental II, a coleção analisada foi a *Universos*.

Estudiosos da área como Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2002), Ilari e Basso (2011), Paim (2016) serão nossa base teórica para as reflexões e análises deste trabalho.

A pesquisa está organizada em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução. No segundo capítulo, temos o referencial teórico utilizado neste estudo. O terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos. O quarto apresenta as análises e reflexões feitas a partir da coleção dos livros didáticos do ensino fundamental II. Por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas.

2 UMA BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os estudos da Sociolinguística começaram nos Estados Unidos na década de 1950 e 1960 com William Labov, a partir disso surge uma nova área de estudos linguísticos, a Sociolinguística. A Sociolinguística ocupa-se dos estudos relacionados à língua e a sociedade, esses estudos podem ser divididos em três vertentes, Sociolinguística Variacionista, a Sociolinguística Interacional e mais recentemente, a Sociolinguística Educacional.

Reconhecida essa relação entre a língua e a sociedade, as situações de comunicação, bem como as implicações que toda essa gama de variação tem com o ensino de língua, fazemos, a seguir, algumas considerações sobre os diferentes tipos de variação linguística.

Muitos pesquisadores e estudiosos da língua afirmam que o Português do Brasil é uma língua uniforme. Ilari e Basso (2011, p.151) avaliam essa afirmação como falsa e pouco interessante “porque nos torna incapazes de lidar com situações que afetam corretamente o uso da língua e seu ensino.” Sendo assim, a variação linguística é algo normal e se manifesta de várias formas, os estudiosos tratam como variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica, sendo estes condicionadores externos.

Explicitaremos, a seguir, estas formas de variação linguística de acordo com estudos de Ilari e Basso (2011).

2.1 Variação diacrônica

A variação diacrônica corresponde às mudanças que a língua sofre com o passar do tempo. A língua possui uma história e ela pode ser externa (que são as mudanças sofridas com o tempo em suas funções sociais) e interna (que são as mudanças sofridas com relação a gramática - fonologia, morfologia, sintaxe - e em seu léxico).

A variação diacrônica é bastante percebida se analisarmos as expressões que eram usadas antigamente, se lermos um texto escrito anos atrás ou se fazermos uma comparação de gerações, muitas expressões e gírias são conhecidas apenas pelos mais velhos ou então pelos mais novos, como a expressão *estar de bonde*, que, antes significava “estar de namorada”, hoje em dia, usamos a expressão *ficar* para se referir ao modo de relacionar com alguém, para alguns pais essa forma pode parecer estranha.

A gramaticalização também é um caso particular da variação diacrônica, Ilari e Basso (2011) define a gramaticalização como “o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais”, para exemplificar esta questão podemos usar o pronome *você*, antes era tido como um pronome de tratamento *Vossa Mercê*, *Vosmecê*, hoje em dia é um pronome pessoal.

Pode-se pensar que em algum momento do passado a língua estabeleceu um caráter definitivo, mas ela está por natureza em constante mudança.

2.2 Variação diatópica

A variação diatópica consiste nas diferenças geográficas ou regionais que existem entre os falantes de uma mesma língua. No Brasil há muitas diferenças marcantes entre os estados, assim como nas capitais e nas cidades do interior. Essa maneira característica de falar de cada região compõem o que chamamos de dialetos, como o baiano, o mineiro, o sulista, o fluminense e outros.

Ilari e Basso (2011) também apontam que quando se fala em estudos da variação diatópica é considerado antes a comparação entre o português do Brasil com o português falado em outros países. Isso se dá por várias razões históricas e políticas, esses estudos buscam comparar a língua falada nas antigas colônias com a língua de Portugal. É óbvio que o português do Brasil e o português europeu possuem muitas diferenças, em comparação com as línguas regionais falada no português europeu, o Brasil é uma língua uniforme, na qual a variação não afeta o sistema fonológico e sintático da língua, ou seja, a comunicação em todo território brasileiro é clara, o gaúcho entende o amazonense, o mineiro o sulista, além de poder identificar a procedência geográfica de uma pessoa por sua fala.

2.3 Variação diastrática

A variação diastrática se dá pelos aspectos sociais, como a diferença do português falado pelas pessoas mais escolarizadas, que são também por sinal a parte mais rica, em relação às pessoas menos escolarizadas. Essas diferenças encontradas nas falas das pessoas menos escolarizadas são tanto de caráter fonológico, como morfológico e sintático.

Essa questão em relação ao ponto de vista pedagógico Ilari (2011, p. 177) diz que:

É fundamental perceber que os alunos que chegam à escola falando uma variante subpadrão precisam aprender a variante culta como uma espécie de língua estrangeira; isso não significa que essas crianças devam ser poupadas do aprendizado da língua padrão, cujo valor cultural é inegável; significa

apenas que a criança que sempre falou *calipe*, para chegar a escrever *eucalipto*, terá de aprender essa palavra como uma palavra nova e, portanto, terá que dar dois passos em vez de um.

Muitos professores quando dão de cara com essa situação, não param para pensar nessa dificuldade e elaboram planos que não são capazes de suprir essas necessidades e acabam por subestimar a capacidade dos alunos, quando o problema na verdade não é esse.

2.4 Variação diamésica

A variação diamésica está na diferença entre a língua falada e a língua escrita. As pessoas foram acostumadas a monitorarem sua escrita e dar menos atenção a fala, por isso muitas pessoas acreditam falar da mesma maneira que escreve. Como quando dizem “*né*” e “*océis*” pensando que estão dizendo “*não é*” e “*vocês*”, mas essa diferença entre o falado e escrito vai muito além da forma das palavras.

Quando se escreve um texto, há todo um planejamento, pode-se escolher a ordem em que irá usar as palavras e ao final ainda fazer as correções necessárias. Em contrapartida, os textos que são falados não dispõem desses recursos, os textos são planejados a medida que são falados, por conta disso, é muito comum encontrar muitas reformulações, correções e acréscimos nas falas.

Tendo isso, é importante considerarmos que a língua é heterogênea, e assim valorizar essa diversidade linguística presente em nosso meio, buscando compreender que todas as formas são válidas e nenhum jeito de falar é melhor que o outro.

2.5 Norma padrão como sinônimo de falar bem

Em contrapartida aos estudos da Sociolinguística, temos a gramática normativa, a qual busca moldar os falantes a um padrão que é considerado correto e considera “errado”, feio e estigmatizado tudo que se afasta deste modelo de fala. Sobre isso Bagno (2002) diz que:

o uso que não está consagrado nessa “norma culta” (o uso que não está abonado nas gramáticas normativas e nos dicionários) simplesmente “não existe” ou “não é português” (BAGNO, 2002, p.20)

Com isso, cria-se a imagem de que a norma culta seja a melhor forma de falar, a mais bonita e de prestígio, eliminando aqueles que falam de maneira diferente da imposta pela sociedade, pois ao dialeto popular é atribuído um status negativo. Como já dito anteriormente, a língua é heterogênea, existem variedades que são comuns de um povo, assim, não devemos ignorar as variações existentes na sociedade.

A discriminação pelo modo de falar de uma pessoa tem parecido natural na sociedade brasileira, as pessoas pertencentes à elite, criticam aqueles menos favorecidos e que cometem “erros” (erros entre aspas, pois essa expressão é considerada inadequada.) de português em sua fala. Para estudiosos da área, os estudos da gramática normativa têm contribuído como um instrumento de distinção e dominação da norma culta.

É perceptível que a sociedade elegeu a língua culta como a melhor, porém a sociolinguística considera isto inaceitável, tendo que seus estudos consideram as variações presentes na língua como um processo natural, não aceitando dessa forma atitudes preconceituosas.

2.6 A Sociolinguística e o ensino

Na sociedade que estamos inseridos somos marcados por aquilo que somos, fazemos e falamos, posto isso, nesse contexto está inserido o *preconceito linguístico*.

O uso da linguagem não padrão é considerada como incorreta para aqueles que consideram como correto apenas o que está prescrito nas gramáticas, e os falantes que fazem o uso de uma variante diferente é discriminado no meio social. As escolas detêm desse pensamento e considera como certo para ensino o que está prescrito na gramática normativa. Porém, a escola deve analisar as características de seus alunos e respeitá-las, não desqualificando a linguagem que a criança traz consigo adquirida no âmbito familiar e no

social que ela vive, devendo contribuir para afastar esse preconceito contra a linguagem não padrão, com início na educação infantil.

Em relação às escolas Bagno (2006) diz que:

[...] nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedades de português e tenta impor uma norma-padrão sem procurar saber em que medida ela é na prática uma “língua estrangeira” para muitos alunos, se não para todos. (BAGNO, 2006, p.29)

É importante que a escola tenha consciência das variedades não padrão, analisar as condições em que seus alunos estão inseridos no meio social e assim trabalhar a norma padrão sem excluir a sua língua materna, para que o aluno não se sinta inferior ou constrangido por não ser dominante da norma culta.

Para Bortoni-Ricardo (2004) muitos professores ainda não sabem como reagir aos “erros de português” de seus alunos, mas estudos buscam formas para conscientizar os educandos em relação às diferenças. Bortoni-Ricardo diz que em relação ao uso de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes:

[...] a identificação da diferença e a conscientização da diferença. A identificação fica prejudicada pela falta de atenção ou pelo desconhecimento que os professores tenham a respeito daquela regra. Para muitos professores, principalmente para aqueles que têm antecedentes rurais, regras do português próprio de um cultura predominantemente oral são “invisíveis”, o professor as tem em seu repertório e não as percebe na linguagem do aluno, especialmente em eventos de fala mais informal. O segundo componente - a conscientização - suscita mais dificuldades. É preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa começar a monitorar seu próprio estilo, mas esta conscientização tem de dar-se sem prejuízo do processo de ensino/aprendizagem, isto é, sem causar interrupções inoportunas. (Bortoni Ricardo, 2004, p.42)

A escola deve se atentar as diferenças existentes na língua, pois ela é fundamental para valorização e respeito dessa variedade. É importante que o professor esteja atento a essas variações e conscientize os alunos sobre existir mais de uma forma de falar e que essas variedades linguísticas advém de diversos fatores, como o social, o regional, entre outros.

Sendo assim, o professor deve ensinar aos alunos a competência comunicativa, mostrando a eles que em certos momentos a fala exige maior monitoramento linguístico, para que os mesmos saibam adequar a língua conforme o contexto. A escola deve atentar-se aos alunos que vêm de outras regiões, como os alunos de zona rural que vão para a zona urbana, muitas vezes esses alunos que não possuem acesso a norma padrão e tem suas próprias características linguísticas trazidas de sua comunidade, sofrem preconceito pelos demais, nesse momento a escola deve conscientizar de que a língua é uma variável e que essa linguagem faz parte da cultura de um povo e que uma não é melhor que a outra.

De acordo com Paim (2016), em relação ao ensino de línguas em sala de aula, os atlas linguísticos podem contribuir muito para esse processo, ela diz que:

Os atlas linguísticos destacam-se pela contribuição social e pelo aporte que podem trazer à economia no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, permitindo o conhecimento da realidade espacial do domínio do português, explicitando as diferenças e convergências que se registram no território nacional, relacionando áreas dialetais a áreas socioculturais e oferecendo um conjunto de dados linguísticos que venham a contribuir para o aperfeiçoamento do ensino do português. (PAIM, 2016, p.77)

Segundo Paim (2016), as publicações contidas no *Atlas Linguístico do Brasil* são de grande importância para o entendimento da variação linguística, para que se possa minimizar os preconceitos existentes em relação à língua, refletindo sobre as variantes do português do Brasil e assim, sem excluir os dialetos de origem, validar a existência de uma norma padrão necessária para comunicações oficiais.

A variação linguística está presente e é tarefa da escola levar o aluno ao conhecimento da norma padrão, o professor deve mostrar ao aluno que tanto a norma padrão como a não padrão são importantes, mas que a elas são atribuídos valores, e que em determinadas situações terá que se monitorar e utilizar a norma padrão.

É importante ressaltar que o professor não deve usar a fala do aluno para repreendê-lo, mas identificar a linguagem não padrão e mostrar a ele que essa forma de falar não está

errada, mas que em alguns momentos ele terá que usar a norma padrão. A repreensão à fala do aluno pode causar danos a ele, como se calar ou até mesmo a evasão da escola, sendo assim, o professor deve conscientizar o aluno sobre a existência da variação linguística.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

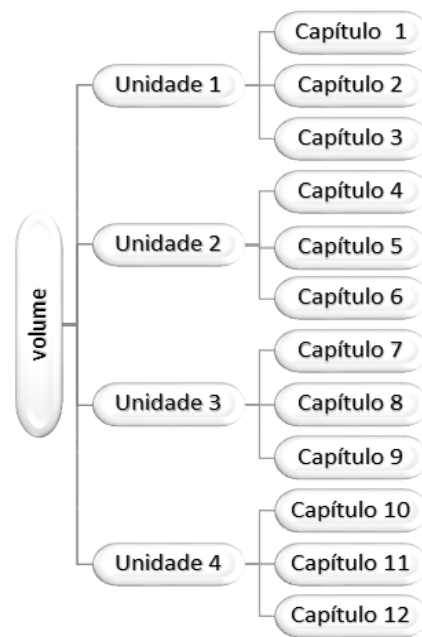
A proposta metodológica foi feita a partir de uma análise nos livros didáticos do ensino fundamental II para encontrar dados de como a sociolinguística está presente na sala de aula das escolas de educação básica, buscando fazer uma reflexão sobre a variação linguística e sua importância. Foram analisados os quatro livros da coleção *Universos*, livros destinados ao professor, referentes ao sexto, sétimo, oitavo e nono ano, cada livro possui quatro unidades e doze capítulos, ao final de cada livro foi feita uma reflexão acerca dos dados encontrados.

A coleção foi escrita pelas autoras Camila Saquetto Pereira, licenciada e bacharela em Letras e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Fernanda Pinheiro Barros, licenciada em Letras, Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG e Luciana Mariz, licenciada em Letras e Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG.

A obra foi produzida na cidade de São Paulo em 2015 por Edições SM e recebeu aprovação do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) no ano de 2017.

A coleção analisada possui quatro volumes, sendo eles destinados ao ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, são divididos em quatro unidades, cada unidade possui três capítulos, os quais são explorados vários aspectos da Língua Portuguesa. Esta estrutura está exemplificada na imagem abaixo:

Figura 1 - Organograma da estrutura da coleção *Universos*.



Fonte: Produzida pela própria autora.

Figura 2 - Capa da coleção Universos



Fonte: Produzida pela própria autora.

4 ANÁLISE PRÉVIA DA COLEÇÃO

Nesta seção, são apresentadas as análises descritivas de cada um dos livros selecionados para o estudo.

4.1 Descrição Livro Didático 6º ano

A primeira unidade deste livro é denominada “Cultura nossa de cada dia” e aborda textos que exploram a cultura do nosso país, levando os alunos a conhecerem um pouco mais sobre a história e os costumes dos nossos antepassados.

O primeiro capítulo “No começo havia...” traz leituras de lendas e mitos que buscam levar os alunos a entender os elementos essenciais da narrativa. Tais textos abordam a história do fogo, o seu surgimento e a sua importância para a sobrevivência humana. Outro tema desse capítulo é a cultura indígena, sendo exploradas palavras e expressões que são usados na língua indígena. A gramática nesse capítulo refere-se ao estudo dos substantivos.

O segundo capítulo “Encantadores de gente”, assim como o primeiro, trata de aspectos culturais. Os textos apresentados abordam o *hip-hop* e a cultura nordestina. Os textos apresentam um vocabulário específico e expressões que são comuns à região do nordeste e ao estilo musical abordado. Os exercícios contidos nas atividades de interpretação de texto possibilitam que o professor explore o vocabulário e leve os alunos a refletirem sobre variação linguística. A parte gramatical desse capítulo trabalha a rima e a métrica na construção do ritmo do texto poético e as figuras de linguagem que são utilizadas.

O capítulo três, “Poemas ao vento”, tem como foco de estudo o gênero textual cordel, explorando as suas características, suas funções, o contexto de produção e de circulação. Os textos em questão apresentam expressões idiomáticas, o que possibilita que o professor leve os alunos a entenderem melhor sobre esse recurso da língua e suas funções dentro da frase. O capítulo também traz uma explicação sobre os registros formais e informais e como eles são usados tanto na escrita quanto na fala.

A segunda unidade do livro “Por um meio ambiente por inteiro” temos os capítulos quatro, cinco e seis. A unidade toda trabalha com textos relacionados ao meio ambiente, a poluição, os riscos aos animais e como podemos ajudar na preservação.

No capítulo quatro, “Aconteceu, virou manchete”, os alunos vão estudar o gênero notícia e as suas características de produção. Neste capítulo, as questões gramaticais exploram os verbos e os tempos verbais na construção de textos.

O quinto capítulo, “É preciso ter opinião”, trabalha com o gênero artigo de opinião, mostrando aos alunos a importância de estar bem informado e dos argumentos para sustentar o seu ponto de vista. Neste capítulo, a gramática tem como foco as conjunções, para que aprendam a utilizá-las em seus textos.

O sexto capítulo, “Vendedores de ideias”, trabalha o gênero cartaz de propaganda, a sua estrutura, as relações entre os textos verbais e não verbais e a adequação ao público alvo. A gramática neste momento estuda o tempo, a concordância e os modos verbais, além das marcas linguísticas e os efeitos de sentidos.

A terceira unidade, “Olhos e Ouvidos na telona”, divide-se nos capítulos sete, oito e nove. Nesta unidade os alunos recebem informações históricas sobre o cinema.

No sétimo capítulo, “Luz, câmera, ação!”, os textos têm como papel principal informar a descoberta do cinema e as transformações que ele sofreu ao longo do tempo. O capítulo apresenta vários exercícios de interpretação de texto, como também as formas de se usar as aspas, as estratégias de realçar ideias e produzir ironia no texto.

O oitavo capítulo, “Respeitável público!”, leva a entender que o assunto a ser abordado será a cultura circense. Para abordar o assunto, o livro usa trechos do filme *O Palhaço*, de Selton Mello, que mostra os dilemas da vida no circo. Em seguida, é apontado o uso característico do texto oral, o uso de metáforas e os registros formais e informais. O capítulo também traz uma entrevista, nela são evidenciados registros de palavras como: “tá”, “pra”, “tava”, e o professor leva os alunos a refletir sobre essa informalidade encontrada no texto e o porquê ela acontece. Durante uma entrevista a conversa flui de maneira descontraída e o entrevistado se sente à vontade para falar como se estivesse em uma conversa íntima, não monitorando sua fala, o que faz com que ele use palavras abreviadas e articuladores para dar

continuidade no assunto, como: “aí”, “né”, “então”. Os alunos devem saber que o texto oral não é pior ou melhor que o escrito, mas cada um possui suas características próprias nas condições que são produzidos.

O nono capítulo, “Assisti, não gostei, não recomendo”, estuda as resenhas, a construção do ponto de vista e a diferença entre resenha e resumo, além de trazer reflexões sobre o uso de adjetivos e advérbios.

Na unidade quatro, “É campeão!”, a última unidade do livro, dividida entre os capítulos dez, onze e doze, busca evidenciar a linguagem utilizada nas narrações ao vivo e nas entrevistas, a fim de refletir sobre o uso formal e informal da língua.

O capítulo dez, “Passou pelo primeiro, passou pelo segundo, é golaaaaaação”, temos a narração futebolística, a estrutura, os narradores, os bordões, as narrações feitas pelo rádio e as narrações feitas pela TV. Como as narrações são feitas ao vivo, o narrador não tem tempo para planejar suas falas e muitas construções fogem às normas, alguns exercícios trazem trechos de narrações feitas por Galvão Bueno, muitas delas encontramos sentenças como: “Vamo vê de novo”, porém a informalidade faz da comunicação mais autêntica, para se ter uma comunicação mais direta com o interlocutor, se aproximando do uso cotidiano da língua. Os exercícios deste capítulo permitem ao professor fazer reflexões em sala sobre a variação linguística e a identificar os efeitos de sentido decorrentes do não uso das normas urbanas de prestígio no nível do discurso.

O capítulo onze, “Qual é a emoção de ser o melhor do mundo?”, neste, temos o gênero entrevista em destaque, apresenta a estrutura de perguntas e respostas e como são as entrevistas orais e as entrevista escritas. O capítulo traz uma entrevista com a jogadora Marta e em seguida um exercício com perguntas sobre o texto, que permite o professor mais uma vez explorar o vocabulário e as variações. A entrevista também ressalta a questão do preconceito com a mulher no futebol, lembrando que Marta foi eleita várias vezes

consecutivas como a melhor jogadora do mundo. O capítulo também trabalha os artigos e numerais e suas funções no efeito de sentido na entrevista.

No capítulo doze, “A última palavra é a do técnico”, trabalha-se com o gênero crônica, a estrutura, suas funções e as estratégias para a construção de humor. O capítulo começa com uma charge e em seguida perguntas de interpretação. Depois, temos um texto verbal sobre os técnicos e um exercício que permite explorar os aspectos gramaticais, como o uso do modo subjuntivo na construção de suposições e o uso das preposições e seus efeitos de sentido.

4.1.1 O espaço da variação linguística no livro do 6º ano

No geral, podemos dizer que o livro do sexto ano do ensino fundamental se preocupa em apresentar aos alunos as variações presentes na língua, porém o livro apresenta apenas comentários para que o professor possa levar os alunos a refletirem sobre o assunto, mas o tema não é o foco, são apenas aspectos que devem ser levados em consideração se tratando dos textos e gêneros que foram abordados.

No capítulo dois, a questão da variação poderia ser mais explorada pelo livro, para que os alunos pudessem ter maior reflexão sobre as variações linguísticas. Este capítulo, por exemplo, poderia conter exercícios que tratasse a geolinguística de maneira mais aprofundada e reflexiva, porém é tratado de maneira superficial. O mesmo acontece no capítulo três que é trabalhado o gênero cordel, os alunos só vão refletir sobre a variação característica do gênero se o professor levantar a questão, pois o livro não a apresenta de maneira explícita.

Esse mesmo dilema se repete em outros capítulos do volume, que seriam propícios para abordar de maneira aprofundada as diferentes variações que ocorrem na língua, como as variações diatópica e as variações diamésica, entretanto, o assunto é abordado de maneira bem sucinta nos capítulos um e onze.

4.2 Descrição Livro Didático 7º ano

O livro didático do sétimo ano está dividido, assim como o do sexto ano, quatro unidades com três capítulos cada uma. Ao todo, o volume do sétimo ano possui doze capítulos.

A primeira unidade, “Quadro a quadro sem ficar quadrado”, apresenta os capítulos um, dois e três com textos de histórias.

O primeiro capítulo, “Snif, snif! Ronc, ronc! Ploft!”, apresenta aos alunos as histórias em quadrinhos, estudando as características dos HQ’s, os quadros, as imagens, os textos, os balões e as onomatopeias que inclusive estão representadas no título do capítulo. Também apresenta os quadrinistas famosos e os personagens consagrados, tais como os criados por Mauricio de Sousa. Além, destaca as marcas das interjeições e os efeitos de sentidos dos sinais de pontuação.

O capítulo dois, “Isso é coisa de museu!”, aborda as fotonovelas, famosas nos anos 30, 40 e 50. São explorados os diversos elementos que as compõem, narrativa, temas, enredo, os personagens típicos e a linguagem. A parte gramatical explora o uso do pretérito mais-que-perfeito, o grau de formalidade na língua, os pronomes pessoais e o uso dos pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo nas normas de prestígio. Os exercícios do livro traz muitas atividades relacionadas a parte de gramática. Vejamos um exemplo a seguir:

Figura 3 - Exercício do livro didático do 7º ano p. 44

PARA TIRAR CONCLUSÕES

- Vamos fazer um registro daquilo que foi estudado no capítulo 2? No caderno, responda às questões a seguir, procurando compor respostas completas; assim, você poderá consultá-las sempre que necessário.

c. Os pronomes pessoais indicam as pessoas do discurso (quem fala ou escreve, para quem se fala ou escreve e sobre quem ou o que se fala ou escreve) e podem ser usados para retomar um termo já citado, evitando uma repetição desnecessária.

- a) Qual é a função do pretérito mais-que-perfeito?
Usa-se o pretérito mais-que-perfeito para indicar uma ação realizada antes de outra(s) no passado.
- b) Qual é a diferença entre usar o pretérito mais-que-perfeito composto com o verbo auxiliar *haver* e com o verbo auxiliar *ter*?
A diferença é o grau de formalidade no uso da língua: o verbo *haver* é mais formal que o verbo *ter*.
- c) Qual é a função dos pronomes pessoais em um texto?
- d) Nas normas urbanas de prestígio, quando se usam os pronomes pessoais retos e quando se usam os pronomes pessoais oblíquos?
Os pronomes pessoais retos são usados para indicar quem realiza a ação verbal; os oblíquos indicam quem é o alvo ou o objeto da ação verbal.

Não escreva no livro.

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

No capítulo três, “Poemas para ver”, estuda os elementos verbais e visuais dos poemas e as suas relações na produção de sentido. Apresenta também as formas que as poesias podem assumir, tais como: os modelos tradicionais, as poesias experimentais, poesia sonora e poesias visuais. O aluno também aprenderá sobre o uso de elementos que ajudam na construção de sentido.

A unidade dois, “Além dos muros da escola”, mostra que as coisas da escola também são coisas da vida e buscam levar os alunos a descobrir que a escola é um lugar para se adquirir conhecimento para a vida toda.

O capítulo quatro, “Sem medo de falar em público”, é composto por orientações sobre maneiras de como se sair bem nas apresentações orais. O livro aborda as características de fala, a postura corporal e a interação com a plateia, além da preparação dos conteúdos da apresentação.

O capítulo cinco, “Li e entendi”, trabalha com textos didáticos e os componentes que eles apresentam, a hierarquia de informações e as estratégias de apresentação de conceitos. Os textos apresentados abordam assuntos sobre o mercado de trabalho. Já a parte de gramática, trata da função dos parênteses, as exemplificações como recurso de entendimento, a articulação de enunciados e a relação entre os adjuntos adverbiais e o modo de organização de um texto.

O capítulo seis, “S.O.S memória”, aborda as anotações em sala de aula como um método de estudos e seleção de informações relevantes. O capítulo também apresenta métodos para fazer boas anotações.

A unidade três, “Quem conta um conto...”, remete ao ditado popular “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Essa unidade apresenta narrativas que fazem rir, refletir e sentir medo.

O capítulo sete, “Rir é o melhor remédio”, apresenta um conto de humor. Com ele, os alunos vão estudar o ritmo da narrativa, o tempo, o espaço, as estratégias de produção do efeito de humor e o humor como forma de crítica social. Além de aprenderem sobre o uso do discurso direto e indireto, as estratégias para destacar uma expressão e o uso dos dois-pontos.

O capítulo oito, “AAAAAAHH”, trabalha com um conto de terror, e propõe um estudo da organização da trama, a criação do efeito de veracidade e elementos que intensificam o terror e o suspense. Os alunos também estudam os adjuntos adnominais, a caracterização dos personagens, os tempos verbais e a construção do clímax da narrativa.

O capítulo nove, “Quando menos é mais”, apresentam minicontos e como contar uma história com poucas palavras. No miniconto os alunos estudarão a brevidade, unidade de efeito, acontecimento único e particular e o trabalho corporativo do leitor. Também aprenderá sobre os efeitos de sentido produzidos pelo uso de pronomes, os marcadores temporais e a flexão de gênero e de pessoa na caracterização do narrador e dos personagens.

A unidade quatro, “Eu sou protagonista”, preocupa-se com a expressão, saber se posicionar diante de fatos polêmicos de uma maneira respeitosa e responsável.

O capítulo dez, “Eis o meu ponto de vista”, trabalha com o gênero artigo de opinião. O capítulo trata das estratégias de argumentação, palavras e expressões que emocionam o leitor e a diferença de convencer e de persuadir.

O capítulo onze, “Caro jornalista...”, usa carta argumentativa do leitor para explorar o posicionamento dos leitores diante de um texto e a importância da seleção vocabular. O capítulo traz imagens com avisos que chamam a atenção pelos erros ortográficos contidos nelas, como: “pare i oia” em seguida, temos exercícios que interpretam esses textos, analisando o registro da língua em avisos como esses.

Os temas abordados neste capítulo possibilitam que o professor trabalhe a variação da língua de acordo com o gênero utilizado e a fazer uma reflexão com os alunos sobre o preconceito linguístico com aqueles que não escrevem de acordo com as normas de prestígio e levá-los a entender que existem diferentes variedades da língua. A intenção desse capítulo é estudar construção de argumentações e a seleção de vocabulários, mostrando que todas as línguas têm variações em função do uso e todas devem ser respeitadas.

O capítulo doze, “Boca no trombone”, trabalha com a carta de reclamação (*e-mail*). Esse capítulo destaca os direitos do cidadão e do consumidor, o direito de reclamar diante da insatisfação. Um dos meios para se realizar essas reclamações é pela escrita, cartas ou/e *e-mail*. Assim, o livro busca estudar com os alunos a estrutura das cartas e como elas devem ser escritas, o grau de formalidade que o texto exige, as marcas linguísticas de primeira pessoa, o uso do pretérito perfeito e dos adjuntos adverbiais temporais, a adequação dos recursos linguísticos e o uso dos parênteses.

4.2.1 O espaço da variação linguística no livro do 7º ano

O livro didático do sétimo ano do fundamental II apresenta as questões de variação linguística de uma maneira mais específica, no capítulo onze traz o tema como assunto central

dentro do capítulo. Na imagem abaixo, por exemplo, temos a proposta de um exercício sobre o ensino de variação linguística em sala:


Figura 4 - Exercício do livro didático do livro do 7º ano p. 181

➔ **Durante a leitura** (Definir objetivo de leitura)

Você sabe o que é uma arena? Era nesse cenário que os gladiadores lutavam na época do Império Romano. Nesta seção, vamos simular uma arena; só que o enfrentamento não se dará pela força física, mas sim pela força dos argumentos.

A arena da argumentação

Os combatentes desta arena estão representados por dois textos: uma reportagem publicada em uma revista semanal e a carta de uma leitora comentando essa reportagem. Sua tarefa será encontrar, na carta da leitora, os “contragolpes” correspondentes aos “golpes” desferidos pela reportagem. Não deixe a jornalista falando sozinha, lutando contra o vento!



Arena em Arles, na França: um dos mais bem conservados cenários do Império Romano. Fotografia de 2008.

"Golpes" desferidos pela reportagem	"Contragolpes" da carta da leitora
<p>1. Eles [os professores de linguística] defendem a ideia de que não existe certo ou errado na língua portuguesa, mas que a norma culta, ancorada na gramática, é só mais uma entre as várias maneiras de expressar-se. [...] o que os professores de hoje em dia ensinam aos seus alunos chama-se Variação Linguística.</p>	
<p>2. Essa visão mesquinha deturpa a sociolinguística, ramo de estudo focado nas variações do uso de um idioma – o que é bem diferente de menosprezar a norma culta e ensinar às crianças que elas podem falar “nós vai” ou “nós pegou o peixe” [...]</p>	
<p>3. “Os adversários do bom português” Finalizar variações linguísticas não torna o indivíduo um adversário do “bom português”, até mesmo porque ele não existe [...]</p>	
<p>4. O crime apontado pela procuradora Janice Ascari ocorre em um país em que, ao final do ciclo escolar, 62% dos estudantes são incapazes de interpretar textos [...] [...] a falta de capacidade interpretativa citada anteriormente por você se enquadra no seu caso.</p>	
<p>5. É espantoso que as crianças brasileiras estejam sendo expostas a esse tipo de lixo acadêmico travestido de vanguarda cultural, quando deveriam estar aprendendo as disciplinas obrigatórias e acumulando o conhecimento e as habilidades que as tornarão capazes de enfrentar com sucesso os desafios do mundo real.</p>	
<p>2. Os educadores, os quais são chamados de “talibãs” da língua portuguesa em sua reportagem, não ensinam aos seus alunos que “nós vai” está correto, em hipótese alguma, eles apenas mostram que esse tipo de fala é mais frequente entre pessoas de baixa escolaridade. ➔ Não escreva no livro.</p>	<p>5. [...] se o seu objetivo é criticar a situação do país, critique, mas com argumentos coerentes, como, por exemplo, o estado da maioria das escolas estaduais e a falta de disciplina.</p>

Professor, comente com os alunos que o Império Romano, um dos maiores da Antiguidade, durou de 27 a.C. a 476 d.C. Atinja a sua maior extensão no século II, abrangendo todo o território que hoje constitui a Itália e outras regiões da Europa, do norte da África e do oeste da Ásia. O contato linguístico entre os conquistadores – os romanos – e os diferentes povos que habitavam as regiões conquistadas deu origem a um conjunto de línguas derivadas do latim, idioma falado na Roma Antiga. É o caso, por exemplo, da língua portuguesa.

181

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

Neste exercício são proferidas algumas críticas ao ensino de variação linguística e a intenção é que os alunos contraponham a essas críticas com argumentos, mostrando que a temática é de extrema relevância para a educação.

No capítulo um é abordado o gênero HQ, porém, o capítulo deixa a desejar quando não aborda de forma mais aprofundada a questão sobre oralidade, o foco maior está em como construir um HQ e no uso das onomatopeias, que são as representações dos sons.

Ademais, o capítulo traz outros exercícios que levam os alunos a compreenderem a grande variedade que a língua possui e entender que usar uma linguagem diferente da norma culta não é errado e que julgar a forma de expressão de alguém é considerado preconceito linguístico.

4.3 Descrição Livro Didático 8º ano

A primeira unidade chamada de “Nós falamos português” apresenta a língua portuguesa voltando ao passado, começando a entender o português falado por Pedro Álvares Cabral e entender a relação de humor entre as piadas e a língua.

O primeiro capítulo, “Você conhece aquela”, trata do gênero piada e seu contexto de produção e circulação. Para poder rir de uma boa piada é importante que os ouvintes entendam os mecanismos linguísticos que foram usados para a produção do humor e em qual meio cultural foi criada. Além disso, as piadas retratam os preconceitos que circulam pela sociedade, assim o professor pode levar os alunos a refletirem sobre o assunto. A língua portuguesa está sempre em transformação e há uma grande diversidade em sotaques e formas de falar e muitas piadas podem reforçar o preconceito linguístico. O capítulo traz exercícios que trabalham com piadas que ajudam os alunos a entenderem mais esse tipo de preconceito, como a troca do *l* pelo *r* e os dialetos caipiras. Vejamos as imagens a seguir:

Figura 5 - Exercício do livro didático do 8º ano p. 19

A gramática na reconstrução dos sentidos do texto

1. Releia o trecho final da piada 1. (Identificar efeito de sentido decorrente de recurso linguístico)

— Fique sabendo que meu consumo não lhe dá nenhum prejuízo.
Eu nunca bebo o vinho que me servem!
— Ah, é? E posso saber que vinho é esse???
— Ovinho de codorna!


a) Que aspecto da língua é explorado para a produção do efeito de humor da piada? Copie a opção certa no caderno.

- Diferentes sentidos associados a uma mesma palavra.
- Diferentes possibilidades de divisão de uma sequência sonora em palavras.
- Diferentes formas de pronunciar uma mesma palavra.

b) Que outra piada da seção *Texto* deste capítulo explora esse mesmo aspecto na produção de efeito de humor? *A piada 4.*

2. Releia o fim da piada 2. (Reconhecer variação linguística)

— Oi, *cumpadi*, firme?
E o compadre responde:
— Nada, só, *futebor*...



a) Localize três exemplos que identifiquem uma variedade própria de falantes da zona rural.

A palavra *só* (variação de *senhor*, usada como vocativo informal) e as palavras *cumpadi* e *futebor* (variação de *compadre* e *futebol*).

b) Explique o mecanismo linguístico responsável pela produção do efeito de humor dessa piada.

A palavra *firme* apresenta duas possibilidades de interpretação. *Firme* pode ser um tipo de cumprimento ("— É aí, jóia? Tudo bem?"), mas pode ser também uma variação da palavra *filme*. Pela resposta, vimos que o compadre entende a segunda opção, pois responde "futebor".

c) A mudança do som final da palavra *futebol*, na fala do compadre, é um exemplo de que fenômeno linguístico? Copie a resposta certa no caderno.

- Registro formal.
- Duplo sentido.
- Variação linguística.

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

Figura 6 - Exercício do livro didático do 8º ano p. 21

2. Piada 1: Os alunos da piada falam uma variedade não padrão, em que o som representado pela letra / na variedade-padrão é substituído pelo som representado pela letra r. Quando Pedro inicia a frase com a expressão "os pedar" (referindo-se a "os pedais"), a professora entende que ele disse *hospedar*. Mas, assim que o aluno forma a frase, a professora percebe que ele, assim como os dois colegas, não sabe o que é um verbo.

Avalie o que você aprendeu

Leia as piadas a seguir para fazer as atividades.

Piada 1

— Juca, me diga um verbo.
— Azur, professora.
— Errado! Azul não é verbo! Bento, me diga um verbo.
— Bicicreta.
— Errado! Bicicleta não é verbo! Pedro, me diga um verbo.
— Os pedar...
— MUITO BEM! Agora forme uma frase com esse verbo.
— Os pedar da bicicleta é azur!

Cultura popular.

Piada 2

O Manuel avistou seu amigo Joaquim no alto do prédio e gritou:
— Ó, Joaquim, como faço pra subir até aí?
— Tens que chamar o elevador.
Manuel começou a gritar:
— ELEVADOR, ELEVADOR...!!!
— Não, Manuel, tu tens que chamá-lo pelo botão.
E o Manuel pegou o botão de sua camisa e começou a gritar pra ele:
— ELEVADOR, ELEVADOR...!

Cultura popular.

1. Em seu caderno, indique a(s) piada(s) que:

- explora(m) o duplo sentido das palavras; Piada 2
- evidencia(m) o preconceito com relação a falantes de variedades não padrão; Piada 1
- apresenta(m) uma seqüência de sons que pode ser dividida em mais de uma forma; Piada 1
- apoia(m)-se em uma ideia preconcebida a respeito de um grupo social. Ambas

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

Ambos trazem uma piada que utiliza a linguagem característica dos falantes do dialeto caipira, representada pela substituição do *l* pelo *r*, pode parecer risível, porém essa troca é consequência de um processo da história do português e essa variedade da língua portuguesa representa uma grande riqueza cultural e precisa ser valorizada.

O segundo capítulo, “Última flor do Lácio”, aborda os textos de divulgação científica, a divulgação de descobertas científicas para leigos, o diálogo e o registro informal como estratégia para aproximar-se do leitor e a importância dos marcadores de tempo e de lugar nesses textos para um melhor entendimento dos leitores. O capítulo também aproxima os alunos da língua portuguesa trabalhando com eles a origem do latim vulgar, os idiomas que influenciaram na formação do português. Vejamos um exemplo dessa passagem do livro na imagem abaixo:

Figura 7 - Exercício do livro didático do 8º ano p. 23

2a. **Imagem 2:** francês; **imagem 3:** espanhol ou castelhano; **imagem 4:** italiano. Professor, no cartaz 2 há uma palavra em inglês: *September*. Aproveite para comentar com os alunos que os empréstimos linguísticos existem em todas as línguas.

3

4

2b. **Imagem 2:** *internationale, de, alphabétisation*; **imagem 3:** *valorar, creatividad, autores, impide, que, personajes, desaparecan*; **imagem 4:** *concurso, fotografico*.

Fique atento

Embora o latim seja considerado uma língua morta, ele ainda é usado em alguns setores da sociedade, como nas esferas jurídica e acadêmica e até mesmo nas notícias de jornal. Na cidade do Vaticano (Itália), sede da Igreja católica, o latim é língua oficial, usado em documentos e rituais. Veja algumas expressões e abreviaturas latinas e seu significado em português.

- *Sine qua non* (indispensável, essencial)
- *Data venia* (com o devido consentimento)
- *Etc.* (abreviatura de *et cetera* – e outras coisas)
- *Fac-simile* (reprodução fiel de um original)
- *Habeas corpus* (ação judicial para garantir a liberdade de locomoção)

1. Observe o texto da imagem 1.

a) Em que língua ele está escrito? (Levantar hipótese; Ativar conhecimento prévio)
Professor, deve que os alunos levantem hipóteses sobre a possível "clonidade" da língua antes de dizer que se trata do latim.

b) Identifique, nesse texto, palavras iguais ou semelhantes a palavras da língua portuguesa. (Comparar informações)
Há palavras que são encontradas no português, como *Sol* (10ª linha) e *terra* (11ª linha); há outras que são parecidas, como *corpus* (4ª linha), *Luna* (10ª linha) e *mundus* (19ª linha).

2. Agora, observe os cartazes das imagens 2, 3 e 4.

a) Você sabe dizer em que língua cada um deles está escrito? (Levantar hipótese; Ativar conhecimento prévio)

b) Nesses cartazes há palavras que se assemelham a palavras da língua portuguesa? Quais? (Comparar informações)

c) Em sua opinião, qual das línguas que aparecem nos cartazes se parece mais com o português? (Ativar conhecimento prévio)
Resposta pessoal. Professor, é provável que os alunos digam que é o espanhol.

3. Arrisque um palpite: Que relação existe entre a língua do texto 1 e as línguas dos cartazes? (Levantar hipótese; Produzir inferência)
Resposta pessoal. Professor, todas as línguas dos cartazes, assim como o português, vieram do latim. Foi a modalidade falada dessa língua (conhecida como latim vulgar), e não a escrita, que deu origem às línguas românicas.

→ Não escreva no livro.

23

Fonte:Pereira; Barros; Mariz (2015)

Como já sabemos, a língua possui um ciclo, nasce, cresce e desenvolve e muitas línguas se originam a partir de outra, como no caso do português que veio do latim. No

entanto muitas palavras vieram de origem árabe, germânica, basca, celta e grega. O capítulo traz muitas informações sobre a língua latina, a origem do português e como suas influências estão presentes no português contemporâneo.

O capítulo três é intitulado “Por mares nunca dantes navegados” tendo como referência o famoso poema *Os Lusíadas*, trabalha com os relatos de viagens, os acontecimentos, as sequências descritivas, comentários avaliativos, compartilhamento de lembranças e registros fotográficos. Os textos trazem temas como os patrimônios históricos da humanidade, a Amazônia e grandes navegações do povo português. O capítulo também trata das marcas de tempo e espaço nos relatos de viagem, os verbos e as flexões, a transformação do oral para o escrito e os parágrafos. Apesar do capítulo ser apropriado para se tratar de variação linguística e levar os alunos a refletirem sobre este estudo, não se têm nenhum comentário sobre o assunto.

A unidade dois, “O amor está no ar”, investiga a alma dos personagens das histórias de amor, do eu lírico e sua paixão pela mulher amada, do cantor romântico e de todas as almas apaixonadas.

O capítulo quatro, “Não era uma vez...”, discute as paródias de conto de fadas, o questionamento de valores sociais, a desconstrução de personagens típicos e a inversão de situações para a produção de humor. Os alunos também estudam neste capítulo a estrutura das paródias e seus componentes, o uso e o efeito de humor da repetição, da hipérbole, da antítese e dos trocadilhos.

O capítulo cinco, “Me concede a honra desta contradança?” abrange um pouco mais sobre os poemas e os seus elementos, a relação entre a forma e o conteúdo e a caracterização do poema como texto literário. O livro traz o poema de Casimiro de Abreu “A Valsa”, a dança perfeita dos apaixonados. Os alunos também verá sobre a quadrilha e a visão romântica da mulher e o amor. A partir dos poemas os discentes vão aprender sobre rimas, métricas, repetição e o uso do imperativo e indicativo na construção de sentido dos poemas.

O capítulo seis “Pra você lembrar de mim” trata-se do amor de fã e traz alguns jovens de sucesso como Luan Santana, Neymar e talentos regionais que merecem ser reconhecidos. O capítulo trabalha com um gênero que permite a aproximação do fã com o ídolo, a entrevista, estuda-se sobre sua construção e sobre os elementos que a compõe, como o texto introdutório, o par pergunta-resposta, a divisão das perguntas em tópicos, transformação do texto oral para o escrito e a construção da imagem do entrevistado.

A unidade três, “Entre cenas e atos”, quando se assiste a uma peça teatral é sempre uma emoção.

No capítulo sete, “Em cena: um clássico”, estuda-se o texto dramático, os elementos dos textos teatrais e a formação dos clássicos literários. O volume traz a obra de sucesso *Romeu e Julieta* de Shakespeare, e a sua análise. Em trechos da peça podemos observar palavras que são pouco usuais e que são características da época em que foi escrito.

Figura 8 - Exercício do livro didático do 8º ano p. 125

Palavras pouco conhecidas	Definições e sinônimos propostos	
teixos	herança, testamento	legado
dossel	marca, símbolo, bandeira	insígnia/emblema
destiladas	inflexíveis, implacáveis	inexoráveis
exéquias	arbustos, árvores	teixos
contemplar	vigiam, protegem	velam
inexoráveis	favoráveis, esperançosas	auspiciosas
banido	relativo a espectro, a fantasma	espectral
vil	eterno, permanente	perene
infortúnio	opressão, imposição por força	jugo
espectral	que provoca sono, que faz dormir	soporífera
exultantes	gotejadas, pingadas	destiladas
velam	perdia as forças, emagrecia	definhava
centelha	cobertura de tecido usada sobre o leito	dossel
bulir	olhar com encantamento e admiração	contemplar
subjugada	própria do mundo material	mundana
insígnia/emblema	cerimônias ou honras fúnebres	exéquias
carmesim	infelicidade, má fortuna	infortúnio

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

A língua portuguesa vive em constante movimento, sofrendo alterações em seu modo de escrever, falar e em seus significados e até mesmo em seu emprego. É importante mostrar aos alunos que a língua além de variar com o tempo, pode também variar com a região, com o grau de escolaridade, idade, sexo e grupo social.

O capítulo oito, “Em cena: uma peça contemporânea”, propõe uma leitura dos textos dramáticos, em que os alunos podem descobrir que os textos dramáticos também podem ser bem-humorados. O capítulo traz a leitura do texto “A descoberta”, escrito por Marcus Di Bello e a peça de *João e Maria*, em seguida as análises das obras. São abordados neste

capítulo os processos de formação de palavras: derivação prefixal e sufixal, os neologismos na paródia do discurso científico e os sinais de pontuação como pistas para a leitura dramática.

O capítulo nove, “Desliguem os celulares, o espetáculo vai começar!”, levam os alunos a refletirem sobre algumas regras de convivência social. Nesse capítulo, visa-se estudar o texto instrucional, cartilha, receita culinária, manual de instrução, a adequação da linguagem em função da relação entre os interlocutores e a relação entre texto verbal e imagens, além do uso dos modos verbais em textos instrucionais e efeito de sentido.

A unidade quatro, “O mundo das compras em revistas”, aborda os anúncios publicitários e uma proposta para refletir sobre o que é consumo e consumismo e os produtos que consumimos sem necessidade.

O capítulo dez, “Compra, compra, compra...\$\$\$”, estuda os anúncios publicitários e os cartazes de propaganda e suas estratégias de persuasão. O livro traz textos que levam os alunos a refletirem sobre as propagandas enganosas e abusivas, o consumo consciente e responsável e sobre o desenvolvimento sustentável, além das estratégias linguísticas do anúncio publicitário e os efeitos de sentido dos hipônimos e hiperônimos e do modo imperativo.

O capítulo onze, “Made in”, aborda o tema da falsificação de produtos, o comércio de produtos ilegais e ações de autoridades públicas contra o comércio ilegal. O capítulo trata do gênero notícia, a investigação aprofundada de um tema, as regras do jornalismo e as relações entre fotografia e legenda, a seleção vocabular e o uso do presente do indicativo e do pretérito do indicativo.

O capítulo doze “Publicidade para crianças: pode ou não pode?” trabalha com o artigo de opinião, estudando a apresentação de questões polêmica, a defesa do ponto de vista, apresentação de argumentos e refutação de contra-argumentos e estratégias argumentativas, além da seleção vocabular de persuasão.

4.3.1 O espaço da variação linguística no livro do 8º ano

O livro didático do oitavo ano trabalha a questão da variação linguística de uma maneira mais reflexiva. O primeiro capítulo aborda a questão do preconceito linguístico através do gênero piada, levando os alunos a refletirem sobre as piadas ridicularizarem os falantes das variedades não padrão e reforçar esse preconceito. O capítulo também mostra aos estudantes um pouco mais sobre a língua portuguesa no seu processo de formação e as influências que recebeu de outras línguas.

Neste volume também pode ser abordado as variações diacrônicas no capítulo sete, através do romance de *Romeu e Julieta*, mostrando aos alunos que a língua é “viva”.

Outro ponto importante deste volume é o uso de próclise no título do capítulo 5, característica comum do português brasileiro. De acordo com a norma culta, é preferível usar a ênclise. Também, no título do capítulo 6 é encontrado a modalidade coloquial “pra” ao invés de “para”, isso acontece em momentos informais, de conversa descontraída com o intuito de interagir com as pessoas, o que nos leva a pensar na escolha das autoras.

4.4 Descrição Livro Didático 9º ano

A primeira unidade do livro do nono ano “Eu (não) saio do padrão” traz a questão de como não é fácil sair dos padrões que são impostos pela sociedade.

O primeiro capítulo, “Todo mundo odeia promessas”, aborda o discurso político-estudantil. Discurso não é apenas coisa de político, mas a política é essencial para a sociedade e por isso faz parte dela em várias áreas, assim como em eleições para o grêmio estudantil. Nesse capítulo, os alunos irão ver sobre a importância da clareza na apresentação das propostas, a seleção dos melhores argumentos e os recursos para manter a atenção do público. Além disso, os alunos vão aprender sobre período composto por coordenação e o uso da conjunção *mas* como elemento persuasivo.

O capítulo dois, “A poesia na boca do povo”, busca informar aos alunos sobre importantes movimentos da música brasileira, como: Bossa nova e Jovem Guarda e que saibam avaliar as canções que ouvem. O capítulo irá abordar as letras das músicas, a importância do contexto de produção e de recepção na interpretação da letra e também o papel complementar da melodia na construção dos sentidos da letra. Além, vão estudar coordenação e subordinação e as estratégias de referenciação em canções de protesto.

O capítulo três, “um exercício de cidadania”, aborda a questão do manifesto, o direito que as pessoas têm de expressar o seu pensamento. O capítulo traz recursos de persuasão, como adequar o tom da linguagem à finalidade do texto e a usar a primeira pessoa do plural.

A segunda unidade, “O movimento do olhar” composta pelos capítulos de quatro a seis trabalha com os textos de Clarice Lispector, Rubens Braga e Carlos Drummond de Andrade, levando os alunos a mergulhar no prazer das palavras.

No capítulo quatro, “Um olhar para a eternidade”, o gênero trabalhado é a crônica, o gênero faz com que os alunos lancem um olhar diferente sobre os fatos do dia a dia. O capítulo aborda as características do gênero e textos sobre questões existenciais, como o medo e o anseio da eternidade. As questões gramaticais fazem reflexões sobre as figuras de linguagem na crônica: metáforas e antíteses, marcas linguísticas de subjetividade e a conjunção no período composto e seus efeitos de sentido.

O capítulo cinco, “O vernáculo sob espreita”, estende o assunto trazido pelo capítulo quatro sobre o gênero crônica, apresentando um movimento diferente do introspectivo. O capítulo estimula os alunos a identificar a tese, o diálogo com o leitor, as relações entre o título e tom da crônica e o uso da ironia para a produção de um efeito cômico. O capítulo também estuda com os alunos a linguagem, a língua e a comunicação, trazendo uma proposta de produção de uma crônica para o jornal da escola.

O capítulo seis, “Universo ao meu redor” reflete sobre os dois capítulos anteriores, sobre as crônicas se darem através dos fatos simples do dia a dia e que esses fatos também podem ser ponto de partida para outros gêneros, como dos poemas. Os discentes vão estudar sobre todo o processo de produção dos poemas, desenvolvimento do tema, a construção de imagem poéticas, a expressão do espírito de uma época, o caráter confessional, pontos de contato com a crônica e os sonetos. Além do uso da metáfora, da metonímia, da antítese e da anáfora na construção dos sentidos do poema. Os alunos produzirão seus poemas para um sarau em sala.

A unidade três, “Vai rolar a festa” é composta pelos capítulos sete, oito e nove. Nesta será apresentado aos alunos as principais festas do Brasil, mostrando a grande diversidade cultural do país, vinda da grande mistura de influências.

O capítulo sete, “Valeu boi” traz reportagens sobre a vaquejada. Neste capítulo trabalha-se com textos que apresentam as características deste evento típico de algumas regiões do país. Também, é trabalhado as características do gênero reportagem, a estrutura do texto, a apresentação de vozes diversas, elementos que conferem a credibilidade do texto e a construção de um ponto de vista sobre o tema desenvolvido. Na parte gramatical os alunos aprendem sobre as orações subordinadas adverbiais temporais, o uso do presente histórico e a variação linguística na materialização das vozes na reportagem, mostrando as marcas que caracterizam a variação dos vaqueiros, levando os alunos a identificar as marcas linguísticas diferentes das normas urbanas de prestígio. Vejamos um exercício trazido pelo livro:

Figura 9 - Exercício do livro didático do 9º ano p. 117

Mais gramática +

Saiba mais sobre as **orações subordinadas adverbiais** fazendo as atividades das páginas 247 a 251.

5. Releia o último parágrafo do texto. **5a.** Deslocamento da letra *r* em *preversidade*; supressão da letra *r* em verbos no infinitivo, como em *pegá, botá, derrubá*; redução nas formas que terminam em *-inho*, como em *bichim*, plural somente no primeiro elemento do sintagma nominal, como em *(dos fazendeiro)*; redução de palavra, como em *pá, prá*; representação, por meio da grafia, do "sota-que" dos falantes, como em *siringa, puderio*.

Ele já lançou dois livros sobre o tema (*Histórias de vaqueiros – Vivências e metodologias I e II*). Por onde andou, conversou com muitos deles e registrou o que pensam sobre a vaquejada. Olímpio Marculino da Silva, de Riacho da Santana, acha que é uma "preversidade". "O trem preso, pegá o bichim pá botá numa siringa, cabá botá um cavalo atrás e derrubá sem precisão... A gente tá fazendo uma preversidade com ele". Já José Barbosa Filho, de Itaetê, é da opinião de que tudo é culpa do "puderio da riqueza". "Creio que aquilo deve ser puderio da riqueza, de fantasia dos fazendeiro, fazer aquilo pra demonstrá. Aquilo é tudo pra ganhar prêmio. Aquilo é tudo... É meio de grandeza mesmo".

a) Nesse trecho, que marcas caracterizam a variação linguística dos vaqueiros?

Para responder, observe as palavras que não estão escritas conforme a ortografia da língua portuguesa ou as estruturas que não estão de acordo com as normas urbanas de prestígio e descreva-as. (Identificar marcas linguísticas diferentes das normas urbanas prestígio)

b) A jornalista procurou reproduzir, por meio da escrita, características da fala dos vaqueiros. Que efeito isso produz na reportagem? (Reconhecer efeito de sentido produzido pela transgressão intencional da escrita ortográfica)

ARQUIVO

A reprodução de falas de variedades que são diferentes das normas urbanas de prestígio em reportagens pode ser uma estratégia para evidenciar a que grupo social pertence a pessoa ouvida e caracterizar o modo de falar desse grupo. Em algumas situações, o mesmo recurso pode ser usado para desqualificar o entrevistado e as suas opiniões. Não é esse, no entanto, o caso da reportagem estudada.

5b. Ao tentar reproduzir a fala desses entrevistados, a autora marca a diferença entre eles, que seriam representantes autênticos da figura tradicional do vaqueiro de fazenda, e os vaqueiros profissionais das vaquejadas modernas (na opinião dos primeiros, mais interessados em ganhar dinheiro e ostentar riqueza).

→ Não escreva no livro.

117

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

Na reportagem, as reproduções de falas evidenciando a variação linguística diferente das normas de prestígio, podem ser estratégicas para poder caracterizar o modo de falar desse grupo.

O capítulo oito "Para dizer até breve" estuda os discursos de formatura, a organização de tópicos e subtópicos, a temática, os conhecimentos partilhados pelo grupo e a adequação ao público alvo. Na parte gramatical estuda-se o uso de sinais de pontuação na produção de sentidos do discurso de formatura.

O capítulo nove, "Tem raça de toda fé" traz texto que falam sobre algumas festas populares, festas religiosas e instrumentos musicais de origem africana, como berimbau e agogô. O gênero textual trabalhado é o enciclopédico e com ele são estudados os pontos de contato com a reportagem e a finalidade informativa do texto. Na parte gramatical são

abordadas as orações subordinadas adverbiais e os cuidados com as escolhas de palavras no texto enciclopédico

A unidade quatro, “Fazendo escola” traz textos que proporciona aos alunos refletir sobre o papel dos alunos e dos professores na educação.

O capítulo dez, “Senta que lá vem história” trabalha com os contos de Machado de Assis que falam sobre escola e educação, abordando temáticas como a convivência na escola, relações entre indivíduo e sociedade e os laços familiares. Este capítulo traz um exercício interessante que mostra algumas palavras e expressões que são usadas no conto e que não são comuns no dia a dia. O exercício pede para que os alunos relacionem essas expressões aos seus significados, como mostrado a seguir:

Figura 10 - Exercício do livro didático do 9º ano p. 169

Palavras e expressões do conto	Significados
fazer suetos	chinelos de couro <i>chinelos de cordovão</i>
sova de vara de marmeleiro	roçar os dedos pelo cunho da moeda passar os dedos no desenho em alto-relevo da moeda
meter de caixeiro	caixa de tabaco em pó usado para cheirar <i>boceta de rapé</i>
chinelos de cordovão	"matar" aula, cabular aula <i>fazer suetos</i>
boceta de rapé	estudantes do Ensino Fundamental <i>estudantes de primeiras letras</i>
recortar narizes no papel ou na tábua	humilhar com xingamentos, com censuras <i>fustigar pelos impropérios</i>
estudantes de primeiras letras	calça suja e amarrotada <i>calça enxovalhada</i>
trazer alguém mais aperreado	<i>palmatória</i> instrumento com que se castiga batendo na palma da mão
palmatória	trabalhar como comerciante <i>meter de caixeiro</i>
cobre azinhavrado	<i>comichão nos pés</i> umacoceira nos pés, um desejo incontrolável de fazer algo
dissimular	bolso da calça <i>algibeira das calças</i>
cobrar ânimo	oprimir, atormentar <i>trazer alguém mais aperreado</i>
algibeira das calças	cobre manchado, de cor esverdeada <i>cobre azinhavrado</i>
instar	ação de um vilão, de uma pessoa má <i>vilania</i>
roçar os dedos pelo cunho da moeda	criar coragem <i>cobrar ânimo</i>
vilania	esboçar narizes no papel ou em um <i>miniquadro negro</i> utilizado pelos estudantes à época <i>recortar narizes no papel ou na tábua</i>
fustigar pelos impropérios	farmácia <i>botica</i>
botica	disfarçar, fingir <i>dissimular</i>
sem escrúpulos	<i>sova de vara de marmeleiro</i> surra com vara resistente, que não quebra, da árvore do marmelo
comichão nos pés	insistir <i>instar</i>
calça enxovalhada	sem remorso, sem culpa <i>sem escrúpulos</i>

Fonte: Pereira; Barros; Mariz (2015)

Este exercício proporciona uma boa reflexão sobre existir formas diferentes para uma mesma expressão. Ainda, evidenciam as marcas linguísticas de variação histórica.

O capítulo onze, "E agora, José?" aborda como tema o Ensino Médio e leva os alunos a pensarem sobre o que esperam deste nível de ensino e a pensarem no que querem depois dele. O gênero abordado é a reportagem e suas características, a seleção dos entrevistados, a apresentação de um ponto de vista, a busca da imparcialidade e o público-alvo. Na parte gramatical estuda-se o uso de orações subordinadas e de exemplos no detalhamento de informações da reportagem e a relação entre a escolha de palavras e o público-alvo.

O capítulo doze, “A opinião que vem da aldeia” aborda textos que falam sobre a importância da educação para o ser humano e a educação indígena versus a educação para o indígena. Nesse capítulo é trabalhado com o gênero artigo de opinião, os elementos que conferem credibilidade ao autor e apresentação de argumentos, e na parte gramatical, o uso de orações predicativas para apresentar conceitos, o uso da voz passiva e a clareza e as afirmações categóricas.

4.4.1 O espaço da variação linguística no livro do 9º ano

Este volume da coleção, destinado ao último ano do ensino fundamental II, encontramos no capítulo sete estudos sobre as variações diastráticas, mostrando a linguagem utilizada pelos vaqueiros e que a língua pode variar de em função de elementos como o grupo social.

No capítulo dez, através dos textos de Machado de Assis é evidenciado novamente a questão da variação diacrônica e como a língua varia de acordo com o tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados neste trabalho, percebemos que os livros didáticos se preocupam em apresentar as variações da língua, mas abordam as questões sociolinguísticas de maneira bem sucinta em alguns capítulos, cabe ao professor aprofundar as discussões. É importante que os professores reflitam sobre essa grande variação existente na nossa língua e crie metodologias que visem o reconhecimento e a superação dos preconceitos referentes à língua.

Sendo assim, os professores devem buscar conhecer a realidade dos alunos e buscar meios para que possamos chegar ao ensino de uma linguagem padrão, que é um direito do aluno, sem desmerecer a linguagem não padrão.

Para isso, os professores devem se atentar sobre as noções de “erros” e entender que existe uma grande diversidade no nosso país e na nossa cultura e que ambas as normas

possuem o seu valor. Com isso, o professor deve buscar em sua prática atitudes que contemplem as necessidades dos alunos e não atitudes preconceituosas que faça com que o aluno se sinta excluído.

Contudo, nosso trabalho alcançou os objetivos previstos, acerca da reflexão sobre o tratamento das variações linguísticas em sala aula.

Esperamos que este trabalho contribua, significativamente, para os professores de língua portuguesa, para que possam refletir sobre as variações linguísticas e assim, sem desmerecer a língua materna de seus alunos, promoverem um ensino linguístico longe de preconceitos.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 (Col. Linguagem, nº. 4) 112 p. ISBN: 85-88456-17-6.

BAGNO, Marcos. **Língua Materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

_____; **A Língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. Ed. São Paulo: Contexto, 2006

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos: a língua que falamos**. Editora Contexto, 2006.

PAIM, Marcela Moura Torres. **Variação e ensino no atlas linguístico do Brasil**. Revista Línguas & Letras, 2016.

PEREIRA, Camila Sequetto; BARROS, Fernanda Pinheiro; MARIZ, Luciana. (orgs.) **Universos: Língua Portuguesa**. -3. ed. - São Paulo: Edições SM, 2015, 4 vol. Series finais do ensino fundamental.